



ISCTE BUSINESS SCHOOL E INDEG-IUL

Generalizações


VIRGÍNIA TRIGO

Professora na ISCTE Business School e no INDEG-IUL ISCTE Executive Education

Atravessar a fronteira de Gongbei que nos leva de Macau a Zhuhai ao longo de centenas de metros percorridos a pé, empurrando malas, carrinhos de compras ou simplesmente arrastando as mais variadas formas de embrulhos, continua a ser uma experiência no mínimo interessante. Há 25 anos atrás, a fronteira fechava para almoço, sem hora certa, conforme o apetite dos guardas ou a vontade de iniciarem um sono profundo ali mesmo sobre cada bancada. Uma vez ali chegados só nos restava esperar. Mas hoje não, hoje a fronteira é limpa e organizada e abre-se aos nossos olhos num ziguezague sem fim por onde passam mais de 250.000 pessoas por dia. Os guardas têm um ar polido e exibem mesmo à nossa frente um quadro electrónico com três botões representando três estados de alma onde podemos descarregar a nossa satisfação. Depois, ainda antes de mergulharmos na imensa confusão do centro comercial colado à fronteira, temos de passar por uma zona de inspeção de bagagens. O melhor é seguir em frente e não parar.

Foi esse o meu erro. Mostrei uma leve hesitação, olhei para o guarda e de imediato me foi ordenado que fizesse passar as malas pelo sistema de inspeção. Havia um problema, é claro que tinha de haver um problema. Dentro da mala mais pequena o guarda descobriu uma maçã que retirou e exibiu em frente dos meus olhos. Instintivamente olhei em volta apontando para a multidão que se apressava em direcção à saída carregando a mais diversa mercadoria, incluindo fruta e legumes. Ignorando o meu apelo, o guarda apontou para um papel em chinês onde se apresentava o que parecia ser uma lista de proibições. Enquanto isso, confiscou-me a maçã e entregou-me em seu lugar uma espécie de recibo apontando para uma data uns dias mais à frente. Seria um período de quarentena? Ferida de um sentimento de profunda injustiça, mal pude amarfanei o papel e deitei-o no primeiro caixote do lixo que encontrei.

Ao longo destes anos tenho tentado compreender o complexo sistema de regras na China. Existem regras de todos os tipos, umas razoáveis, outras nem tanto; umas transparentes, outras



Edgar Su/Reuters

confusas: proibido tirar fotos, não entrar, não cuspir, não atravessar, não nadar, não buzinar junto às escolas (mas só no período de exames de acesso à universidade), etc. Estas regras são aplicadas de uma forma leniente e os chineses parecem possuir uma bússola interior que os orienta quanto às que devem seguir ou ignorar. Os carros atravessam com o sinal verde para os peões; os peões esquivam-se por entre os carros com o sinal vermelho; as hospedeiras avisam que os cintos de segurança só devem ser desapertados quando o avião se imobiliza mas, mal este aterra, toda a gente se levanta.

"Bu keyi" (não é permitido) gritou-me o guarda quando me sentei num muro para atender um telefonema. "Bu keyi" gritava outro esta manhã quando, sem sucesso, tentava impedir uma vendedora ambulante de deslocar a sua banca para outro local. Enquanto isso, o filho desta, um miúdo franzino de 5 ou 6 anos, descarregava furiosos pontapés nas pernas do guarda, num violento assomo de protecção filial. No outro dia, quando comecei a subir uma ponte pedonal, fui interceptada por um jovem soldado que, no seu uniforme verde, me gritou "No!". Foi tão inesperado que quase tropecei nele. Perguntei porquê, sinalizando com um braço o gesto de

atravessar. Em resposta indicou-me uma outra passagem umas boas centenas de metros mais à frente. Entretanto uma pequena multidão se juntou à nossa volta gerando-se uma animada discussão. Por fim o soldado afastou-se e pudemos passar. "Porquê?" perguntei sem cessar, mas apenas um dos meus companheiros de travessia me respondeu "no reason". Uma sensação reconfortante de que, apesar da minha condição de estrangeira, estou com os "lao-baixing" (gente do povo) em conluio perante uma autoridade maior.

Esta pessoa que me empurra, me "rouba" o táxi que eu mandei parar, se atravessa na minha frente quando chega o elevador, é a mesma que cerimoniosamente me serve o chá, se disponibiliza para me resolver os mais pequenos problemas, aceita e entende que, ao fim de 25 anos, eu não fale chinês. Neste período sensível muito dado a generalizações, é importante entender que a China não é o país monolítico da nossa imaginação. É antes formada por 1,4 mil milhões de "indivíduos" sobre os quais não podemos dizer "os chineses são assim" ou "a China é assado", porque a China é tantas coisas ao mesmo tempo. ■

Coluna quinzenal à segunda-feira